Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

18 DE SETEMBRO
QL 12 CONJ. 3 CASA 15 — LAGO SUL
BRASÍLIA-DF

IMPROVISO DURANTE O JANTAR OFERECIDO PELO GOVERNADOR DE SÃO PAULO, SENHOR PAULO SALIM MALUF JUNTAMENTE COM A BANCADA PAULISTA NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Meus Senhores:

Quero agradecer as palavras generosas que acabei de ouvir do Senhor Governador, dos Senhores Deputados, a meu respeito. A minha modéstia não vai a ponto de dizer que não me sinto envaidecido com aquelas palavras.

Mas é necessário que eu diga e esclareça aos Senhores Parlamentares — não aos meus Ministros que já me conhecem bem, não ao Governador Virgílio Távora, que me conhece muito bem — mas aos Senhores Deputados, que eu nunca fui político.

Se eu estou nessa situação em que os Senhores me encontram, como Presidente da República, é porque não tive outra saída. E isso os meus amigos chegados podem testemunhar.

O meu desejo sincero era continuar onde sempre estive, com os meus companheiros de farda, onde, pelo menos, eu tinha certeza de que não me iria sair tão mal, e onde eu me sentia feliz.

Infelizmente, as circunstâncias não permitiram. Mas isso não significa que, pela situação que hoje ocupo, eu possa afirmar que seja um político.

Eu sou é inexperiente em política. Mas o ser inexperiente em política não significa que eu não diga, não possa dizer, alto e bom som, com toda franqueza, porque sempre assim pensei: aquela democracia que eu defendo, aquela democarcia pela qual eu entrei na Revolução de 64 — e de que não me arrependo —, aquela democracia que eu hei de morrer defendendo, é a democracia que estou decidido a implantar. É a democracia do diálogo, do entendimento. A democracia em que as críticas devem ser aceitas como críticas, como sugestão, como correção e não como ataque pessoal.

Aquela democracia em que, de fato, cada parlamentar se sinta como representante de uma parcela do Povo.

Aquela democracia em que o Chefe da Nação possa olhar para os representantes do povo, sejam eles do partido que apóia o Governo ou do partido da Oposição, como representantes de uma parcela do povo, que têm direito de defender suas idéias.

E de uma feita, ficou lá 3 anos e 8 meses, em cárcere comum.

Naquela época, não se falava em direitos humanos. A tortura era comum. Mas não se falava em direitos humanos.

Meu pai morreu e continuou vivo. E minha mãe não pode receber o Montepio porque não pode apresentar o atestado de óbito à Ditadura. E não havia, não se falava em direitos humanos.

Eu tenho bem, na minha família, os exemplos daquela época e talvez os que estavam no Poder tivessem

razões para assim proceder. Mas eu tenho bem na minha família os exemplos de que os Direitos Humanos nunca foram respeitados neste País.

Agora, quando falo no entendimento, quando falo na conciliação, quando falo em conversar com todos, sobre os assuntos, quando peço conselho, inclusive aos homens da Oposição, quando procuro aqueles que podem bem me aconselhar, estejam eles onde estiverem, hão de dizer que estou fazendo demagogia.

E que a nossa democracia deve ser uma democracia sem adjetivos.

E eu repito para os Senhores: a democracia que eu entendo é aquela que eu aprendi em casa. A democracia nossa. A democracia que traz em si tudo aquilo que é brasileiro.

Uma democracia que não precisa buscar lá fora as regras para que o povo saiba bem escolher os seus representantes e eleger os seus dirigentes.

Uma democracia que sabe que o mal do nosso povo ainda é a falta de instrução. Uma democracia que sabe que o que falta ao nosso povo é trabalho. É poder aquisitivo para se alimentar.

É a casa para morar e saúde para os filhos.

Infelizmente, para nós, temos de reconhecer que nosso povo tem mais ansiedade de saciar sua fome e de ter um teto, do que saber se os partidos vão se organizar desta ou daquela maneira.

Reconheço que me falta — e por isso peço sugestões, a quem de direito e a quem, melhor que eu, possa olhar eses assuntos — reconheço que a minha inexperiência política, por vezes, pode parecer um pouco extemporânea.

Mas eu devo reconhecer, perante os Senhores, políticos experimentados e alguns até já calejados nas transas políticas, que eu precisava mesmo de ir ao encontro dos Senhores. Porque só desse diálogo, só dessa conversa, só do entendimento ou só mesmo do nosso desentendimento, é que poderá nascer uma democracia para o Brasil.

E riscar definitivamente da nossa vida política partidária esse ranço que têm alguns extremados, de encararem uns aos outros, Oposição e Governo, como inimigos.

Se a democracia é o Governo, se um Governo pode-se chamar democrático, porque o povo pode dizer o que pensa então por que eu não tenho o direito de conversar com aqueles que se me opõem?

É a única maneira que eu tenho de saber por que existe uma Oposição e que ponto ela me opõe, é conversando justamente com aqueles que não estão de acordo com o Governo.

E quem sabe, como já aconteceu muitas vezes, que a razão não esteja do outro lado? E quem sabe se não é possível encontrar um denominador comum para as aspirações de uma parte e de outra e que sirva melhor à Nação do que os seus interesses partidários?

Daí por que fico muito agradecido ao Governador Maluf e aos Senhores aqui presentes, por esta oportunidade que me deram.

Oportunidade que, eu posso dizer aos Senhores, é uma miniatura da democracia que eu penso. E que eu tenho tentado fazer mas com o povo, perguntando ao popular, amiudamente, o que ele sente, o que lhe falta, o que ele pretende, do que ele tem raiva, o que o desgosta. E eu tenho sentido que o nosso povo não está des-

gostoso. O nosso povo apenas anseia por uma melhoria de vida.

E é essa melhoria de vida que eu me propus, com os meus Ministros, proporcionar ao povo brasileiro, num esforço hercúlio, face à crise econômica que estamos atravessando.

As dificuldades são de tal natureza que eu me arrisco a dizer aos Senhores da Oposição que esses objetivos não poderão ser alcançados, se eu não dispuser de um suporte no Congresso.

Não estou pedindo aos Senhores Parlamentares que votem com o Governo. Mas que cada vez que pronunciarem lá o seu voto. pensem um pouco no conjunto do Brasil. Esqueçam momentaneamente os seus rincões, o interesse do seu Partido ou do Partido do Governo e pensem no bem do Brasil, em seu conjunto.

Muito obrigado.